

# O Trem da HISTÓRIA

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

Araxá, abril de 2005 - Ano 15 - Nº 39 - R\$ 4,00

Moda - Um Flash

Costureiras e Alfaiates

Quem foi Quem - Bené

O mundo em transformação

Bene's Club

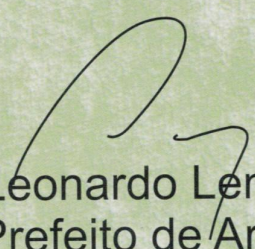
Centro de Referência da Cultura Negra

CODEMPAC





***O agradecimento aos que fizeram de Araxá,  
uma cidade acolhedora e feliz.***

  
Antônio Leonardo Lemos Oliveira  
Prefeito de Araxá



## O Trem da História



*Prefeitura Municipal de Araxá*  
**Prefeito**

*Antônio Leonardo Lemos Oliveira*



*Fundação Cultural Calmon Barreto*  
**Presidente**

*Magaly Cunha Porfírio Borges*

**Departamento da Escola de Música**  
**Maestro Elias Porfírio de Azevedo DEM**

*Maria Leonor Teixeira Lemos*

*Rosemary de Faria*

**Setor de Arquivos, Pesquisas**  
**e Publicações SAPP**

*Silvana Ap. Alves Borges Batista*

*Maria Trindade Coutinho Resende Goulart*

*Maria Virgínia Rios do Amaral Valle*

*Cecília Angélica Machado de Paiva*

*Maria Abadia Faria Silva*

*Keyla Barbosa Machado*

**Setor de Patrimônio Cultural - SPC**

*Cátia Maria Lemos Melo Zema*

**Supervisão de Artesanato SA**

*Terezinha de Oliveira Lemos*

**Setor de Eventos - SE**

*Leane Maria de Figueiredo Castro*

*Fernanda Alves Barcelos*

**Setor Administrativo-Financeiro SAF**

*Aparecida Marlúcia de Melo e Costa*

*Elaine Ap. Oliveira Farnesi Araújo*

**Jornalista Responsável**

*Walace de Resende Torres*

*Registro: MG-06.343 JP*

**Secretárias de Redação**

*Keyla Barbosa Machado*

*Silvana Ap. Alves Borges Batista*

**Revisão**

*Antônia Verçosa*

**Lay-Out e Arte Final**

*imagePRO Comunicação*

**Capa**

*Olívia Fonseca Teixeira (foto maior) - déc 40*

*José Guimarães - déc 20*

*Cecília Porfírio de Azevedo Borges - 1918*

**Impressão**

*Gráfica Planeta*



*Praça Arthur Bernardes, 10 Araxá/MG 38.183-218*

*Fones: (34) 3691-7091 3691-7092 3691-7164*

*E-mails: fccb@terra.com.br e barretoaraxa@ig.com.br*

*As informações contidas nesta revista podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.*

*Visitem os sites:*

*www.usr-ed-graf.com.br/~barreto/*

*Www.araxa.mg.gov.br/secretarias/fccb*

# NESTA EDIÇÃO

**MODA - UM FLASH** \_\_\_\_\_ **2**

**COSTUREIRAS E ALFAIATES** \_\_\_\_\_ **18**

**QUEM FOI QUEM** \_\_\_\_\_ **28**  
**Bené**

**UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO** \_\_\_\_\_ **30**  
**BENÉ'S CLUB**

**CENTRO DE REFÊRENCIA DA** \_\_\_\_\_ **38**  
**CULTURA NEGRA**

**CODEMPAC** \_\_\_\_\_ **39**

## PRIMEIRAS PALAVRAS

Quem não se lembra dos anos 60 e do surgimento da Tropicália, uma corrente que refletia os conflitos políticos e estéticos da época?

E da repercussão política das ações arrojadas do ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek, inaugurando em 1961 a nova Capital do Brasil, uma cidade planejada e moderna chamada Brasília.

Tantos episódios influenciaram e delinearão, na sociedade, os valores, os modismos, as ideologias, enfim traçando um perfil de nós que, hoje, revivamos a história em linhas gerais, para abrangermos com mais lucidez a diretriz dos nossos fatos locais.

Os tempos mudam, a tecnologia e a ciência evoluem, transforma-se a política, novos parâmetros culturais e sociais são implementados realizando alterações que dão a nítida impressão de estarmos revivendo fatos e tendências passadas.

A revista "O Trem da História" faz um retrospecto da moda apontando alfaiates, costureiras e a conotação sócio-cultural do famoso Bar do Bené.

Dentro desse contexto, notamos as mudanças de uma abertura lenta, gradual e que se torna cíclica, pois o que faz da vida uma saudosa e eterna recordação é manter acesa a vontade de reviver o que se fez de melhor.

Silvana Ap. Alves Borges Batista.

# Moda - Um Flash



Aquáticos em frente a Casa de Banhos - Barreiro década de 20

Indumentária, traje, vestuário são palavras diferentes com um mesmo significado: o conjunto de peças que cobrem e adornam o corpo humano.

O vestuário sofreu, através dos tempos, a influência da moda e variou segundo usos e costumes nas diversas partes do mundo.

## Teares

Primitivamente usou-se pele permanentemente presa ao corpo como costurada.

Be m m a i s t a r d e , desenvolveu-se a arte de tecer. Tecia-se a partir de pêlos de animais.

A Revolução Industrial substituiu os antigos teares manuais por teares mecânicos eficientes e rápidos e a fição, antes produzida em rocas, atingiu grande perfeição.

Fibras de origem animal, vegetal ou sintéticas são utilizadas no processo.

## Colarinhos Engomados

O traje masculino, terno e gravata, também sofreu influências da moda.

Lapelas largas, estreitas, colarinhos engomados, gravatas lisas, coloridas, florais, geométricas, listradas no viés etc. Gravatas "borboleta" e outras com os famosos prendedores, muitas vezes, verdadeiras jóias. E vários acessórios: abotoaduras, relógios de bolso, suspensórios, coletes, bengalas etc. Além da brilhantina no cabelo.

## Alta Costura

Os bordados, as rendas e o estilo das saias, curtas, longas, justas, franzidas ou plissadas, tiveram, cada um em seu tempo, o seu reinado.

O sentimento de estética gerou o aperfeiçoamento da costura. Para complementá-la e embelezá-la, surgiram os acessórios: chapéus, calçados, bolsas, luvas, écharpes, cintos, jóias, bijouterias etc.

## Chapéus

Os chapéus masculinos foram largamente usados até a década de 50, quando entraram em declínio.

Os chapéus femininos, a princípio austeros, tornaram-se, gradativamente, um complemento de elegância. Nos mais variados estilos acompanham a moda, sempre em consonância com a idade, porte e detalhes faciais de quem os usa.

## Calçados e bolsas

Por calçados devem-se entender: sapatos, botas, sandálias, tamancos etc. Os sapatos com saltos surgiram no século XVII, usados por homens e mulheres.

A moda os faz, ora com saltos por vezes exagerados, ora planos com pontas agudas, quadradas ou arredondadas. As botas femininas, largamente usadas no século XIX, depois saíram de moda, para retornarem com força a partir de 1970. Mantêm-se firmes até os dias atuais como mais um complemento de elegância.

Além do couro, os sapatos são também confeccionados com tecidos, palhas, madeira e materiais sintéticos.

As primeiras bolsas eram presas à cintura. Mais tarde, já separadas das vestes, foram

## O vestir bem

O estilo no trajar é uma tendência que se mantém dentro de determinado período numa determinada época. A indumentária toma aspectos geralmente passageiros. A Moda, transitória e fugaz. O vestir bem, uma arte. Cor, tipos de tecido, acessórios etc devem ser adaptados ao momento social, à idade, ao ambiente descontraído ou ao de trabalho.



Dâmaso Drummond - Anos 20

confeccionadas também em tecidos, couro, palhas e materiais sintéticos.

De acordo com o calçado, providas ou não de alças, curtas ou longas, as bolsas, pequenas ou grandes, sempre foram complementos indispensáveis na indumentária feminina.

## Luvras

As luvas são acessórios do vestuário que cobrem toda a mão. A princípio, as luvas não cobriam os dedos-as mitenes.

A luva pode ser curta, chegando até o pulso, ou alta, atingindo o braço.

Na caminhada rumo à simplicidade e ao conforto, a moda levou ao desuso as luvas, permanecendo as de utilidade nos períodos de inverno

masculinas.



Cândida de Ávila Lemos - Anos 40

## Jóias e bijouterias

As jóias ressaltam a beleza e a personalidade de quem as usa. Elas obedecem também aos modismos que fazem variar os designers, a lapidação das pedras e a coloração do ouro através das ligas de outros metais.

As bijouterias ganharam força nos últimos decênios do século XX. Cada vez mais arrojadas, são artisticamente elaboradas, atendendo a todos os gostos. Ora douradas, ora prateadas, ora em pedrarias, madeira ou couro, as bijouterias são um acessório que, sem dúvida, embeleza e personaliza.

Brincos, colares, pulseiras, anéis, broches fazem parte desse maravilhoso mundo da moda.

## Cabelos

O corte de cabelo teve os seus mais diferentes aspectos no decorrer dos anos. Curtos, longos, lisos, anelados, os cabelos sempre foram objetos de atenção, obedecendo sempre aos critérios da moda.

Desde os tempos mais antigos, os cabelos passaram por variadas e extravagantes formas de penteados. Incluem-se aí as perucas, tanto femininas quanto

## Curiosidades

1 - No século XV, Filipe, o Bom, rei de França, teve uma enfermidade que o forçou a raspar sua cabeça. Envergonhado e com a vaidade ferida, publicou um edital obrigando todos os nobres a rasparem também suas cabeças, o que deu origem a um tipo de moda.

2 - A moda das perucas masculinas, no reinado de Luiz XIII na França, surgiu para dissimular a falta de cabelos.

## Outras curiosidades

1 - Consta que Maria de Médici, esposa de Henrique IV, rei da França, usou o mais rico e o mais pesado vestido de que se tem memória.

Com 39.000 pérolas orientais, 3.000 diamantes africanos, além de fios e alfinetes de ouro, pesava 25 quilos.

Mais tarde, pobre e abandonada, Maria de Médici conseguiu levar em seu exílio um pedaço do suntuoso vestido que lhe valeu em seus últimos anos de vida.

2 - Por que os botões nas mangas dos casacos?

Teria sido o Almirante Néelson

quem mandou colocar botões nas mangas dos uniformes de gala de seus marinheiros para evitar que limpassem o nariz com as mangas, prática muito comum na época.

3 - A gravata foi pela primeira vez usada na luxuosa corte de Luís XIV, o "Rei Sol".

Conta-se que nos arredores de Paris, certa ocasião, acampou um regimento de croatas cujos soldados usavam um pedaço de tecido à volta da gola.

Luís XIV, que era a vaidade em pessoa, achou aquilo interessante para os seus encantos pessoais.

Ao "gravateiro", como era chamado o mordomo do rei, coube a tarefa de embelezar as "gravatas" que se celebrizaram pela elegância e bom gosto. A moda pegou.

4 - Por que as mulheres abotoam seus casacos pelo lado esquerdo e os homens pelo direito?

Antes, homens e mulheres usavam os botões pelo lado esquerdo, até que o uso de coldres, logo abaixo dos ombros, sob os casacos, levou os homens a fazerem a mudança. Era-lhes difícil sacar suas armas com rapidez, tendo seus casacos abotoados pela esquerda.

O que no princípio foi necessidade, hoje é moda.

## Conclusão

Nos últimos tempos, tem sido comum incorporar os trajes usados para a prática de esportes e as roupas profissionais ao vestuário do dia-a-dia.

Os colants das bailarinas saíram para as ruas e para os esportes. Hoje, body. Os tênis deixaram as quadras e pistas e enquadraram-se na moda que objetiva conforto e flexibilidade. Os jovens fundiram bolsas e malas nas novas mochilas, antes uma exclusividade militar.

A moda não faz o estilo pessoal de todos. Daí ser necessário adequá-la harmoniosamente ao tipo físico de cada um. A elegância está nessa harmonia que reflete gosto e personalidade.☺☺

# Araxá - A moda através dos tempos



Os Irmãos Affonseca e Silva: Rita, Theodora, Sebastião e Anna



América Santiago, Sérvulo Affonseca e filha

## Século XIX



Foto não identificada

**As mulheres usavam saias longas. Os paletós eram uma constante no cotidiano masculino.**



Cornélio Silva, Generosa D'Almeida Silva e família



# 1900 - 1910



Brazilina Montandon e um grupo de amigas



Maria Luiza de Magalhães  
(Dona Yayá)



Jovenília Ferreira de Aguiar  
(Dona Vina)



O primeiro casal: Olinto e Alcinda Afonso Teixeira com a criança, Omar A. Teixeira. A seguir de pé atrás, Aramija França Teixeira, o casal Alcina França e Antônio Rodrigues Vale e Ananias Teixeira Jr. As crianças: Alírio, Aderbal, Amalia, Azalia e Atanagildo. Filhos, genro, nora e neto de Ananias Teixeira e Ana Vitória (Nicota) - sentados



# 1910 - 1920



Hermantina Drummond



Foto não identificada



Emirena Aguiar Avila



Dulce Santos Guimarães



# 1910 - 1920



Tereza Vale Carneiro



Manoela Lemos



João Maximiano d'Afonseca (Joãozinho do Vigário), Cap. Belarmino de Paula Machado



Sancho Montandon (à direita) e, à esquerda, um amigo não identificado

# 1920 - 1930



Dalcy Santos Cunha



Benedita Isabel Conforte, Antônia Santos (Tuniquinha)  
Maria Santos Teixeira



Celme Cunha Drummond

Década de 20  
O tempo das  
melindrosas.



Tereza de Resende Vale



Lygia Cunha, maria Santos Teixeira, Dalva Santos Zema, Dalcy Santos Cunha, Maria de Souza. Sentadas: Maria do Rozário Santos, Maria Luiza Barcelos, Nilza Neves Santos

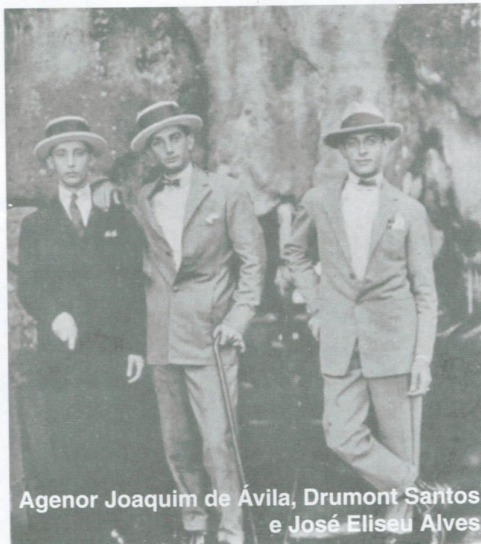
# 1920 - 1930



Alunas de Araxá em Oliveira / MG.



José Severino Aguiar (Zeca Severino) ao lado do motorista Dr. Teixeira Leite e, no banco de trás, as esposas M. Do Carmo Aguiar e Isa



Agenor Joaquim de Ávila, Drumont Santos e José Eliseu Alves



Agenério Araújo, Drumont Santos, Vasco Santos e Gentil Alves Ferreira

# 1930 - 1940



Noêmia Santos Corrêa



Dr. Hugo e Maria Aguiar Levy

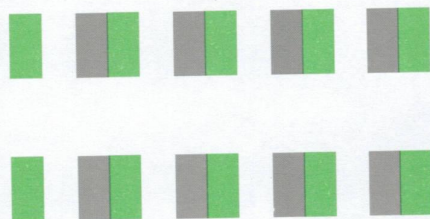


Maria Abadia Machado (Didi)



Dolorita Santos Castro (Dedê)

*Seus  
queridos pais,  
com todo  
amor  
Dedê  
1932*



Diana Zarzana Rosa

# 1940 - 1950



Abel e Josina Neuppmann

A moda é mais leve e versátil. Os cabelos seguem nova tendência, inspirada no glamour de Hollywood.



Luiza Teixeira de Paula (Luizinha Parateca)



Wanda Carneiro Santos - Baile da Chita



Cordélia Alves Mesquita



# 1950 - 1960



Mercedes Teixeira de Ávila - Tule e tafetá  
Festa da Primavera



Helena Santos Bernardes - Renda guipure  
com saia plissada em organza  
Festa da Primavera



Margarida Porfírio Franco - Baile de formatura



Júlia Santos - Desfile em Estrela do Sul

# 1950 - 1960



Noêmia da Paz de Azevedo Guilayn - trabalho em renda valenciana

Maria da Glória de Azevedo Penna - cassa-suica com entremeios de renda, rebordada em miçangas francesas



Cássio e Margarida Natal Santos - Aplicação em organza



Grupo de amigos reunidos em torno do casal, José da Cunha (T. e Delfina de Almeida Cunha (Elnoca).

# 1960 - 1970

As sobre-saias são a novidade no Desfile de Mme Pepita em 1960



Maria da Glória de Azevedo Penna



Neusa Maria Araújo Montandon



Sônia Darcy Montandon Botelho  
Desfile de Mme Pepita - Miss Araxá 1959



Magaly Pires - Miss Araxá 1964  
Tecido brocado numa confecção de Jacintinha



# 1960 - 1970



Maria Auxiliadora Ribeiro - Desfile de M. Da Glória Azevedo  
O longo, esportivo e prático, para todas as ocasiões



Ana Lúcia Meneses Maneira (Lucinha) - Broto do Ano  
Veste "Tubinho" Acompanhada do Sr. Américo Marques

## O desfile de Maria da Glória de Azevedo lança a mini-saia, no final dos anos 60



Patrícia Neuppmann Feres



Ítala Sandra Del Sarto

# 1970 - 1980

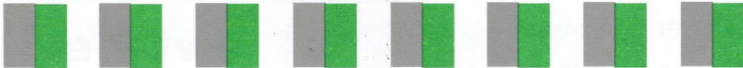
Short - opções para todas as ocasiões - Usados também com casacos longos e colans (body), nas noites de inverno



Jussara Cássia de Mello Porfírio  
Miss Araxá - 1970



Heloísa Helena Lemos de O. Neumann  
Miss Araxá 1972



Mara Santos Bernardes Jaëkel - Baile de  
Debutantes do Clube Araxá - 1971



Simone Lemos de Melo Santos  
Baile de Debutantes - Clube Araxá 1975

# 1970 - 1980



Virgínia Lemos Oliveira  
Final da década  
Mangas bufantes



Venina Tereza Santos - Desfile Diva Batista



Eleonora Pereira Valle lança a  
micro-saia durante coquetel  
em Festa de Debutantes



## Final

Entre 1980 e 2005, a moda prossegue em sua caminhada. Dinâmica e arrojada, ela está aí, presente nos meios de comunicação e na vida diária.

Os profissionais da moda investem fundo porque sabem do retorno.

Homens e mulheres contam com os novos recursos, que os fazem belos e invejáveis.

Assim é a moda: dinâmica, atraente, colorida, fugaz, construtiva.

Os olhos levam mais encanto ao ego do que qualquer dos outros sentidos.

Pesquisa e texto - Magaly Cunha Porfírio.

# Costureiras e alfaiates



Ao longo do século XX, Araxá contou com a presença de várias modistas, costureiras, floristas e bordadeiras, além de diversos alfaiates. Alguns talvez não estejam em nossas lembranças mas, em seu tempo, contribuíram para atender uma demanda em época de raras confecções. Lembramos de Ana Augusta Montandon, Dona Rosinha (esposa do Dr. Baracuhy, juiz de direito), as irmãs Maria, Ivoneta e Altina (costureiras) e Zulmira (famosa bordadeira em pontos sombra, cheio e richelieu).

Diversas outras estiveram atendendo à exigente clientela que mandava confeccionar, sob medida, trajes inspirados em modelos internacionais ou mesmo de importantes capitais brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro. Podemos citar algumas costureiras, como D. Pequetita, D. Pepita, Hermantina Drummond, Terezinha Roquete, Salviana Carneiro, Adair Marques de Paiva, Percilha Vilela, Jacintinha, Helena Cardoso Coelho, Marieta Coelho, Neila Queiroz Ladeira, Maria Guerra dentre outras. Dona Quinha e D. Austrália foram verdadeiras artistas na confecção de flores e D. Zininha, famosa bordadeira com pedrarias.

Latfala de Jamati, Mestre Pietro Dany La Rocca (vindo de São Paulo), Sebastião Camargo, Célio Silva, Francisco de Assis Pontes, "Quincas Alfaiate" e Jason Parreira são alguns dos alfaiates que se estabeleceram ou apenas passaram por aqui. Outros já faleceram. Os que permanecem em Araxá e mesmo os outros que se mudaram, guardam lembranças de um tempo que deixou saudades.

## Hermantina Drummond



Hermantina Drummond. Déc. 50/60.  
Acervo: Maria Dora Drummond de Paula Lemos.

Hermantina Drummond foi uma das mais famosas costureiras e modistas de nossa região. Nasceu na Fazenda Paraíso em Araxá no dia 18/07/1894.

Começou a costurar bem jovem na fazenda onde morava. Desmanchava as peças velhas para servirem como molde. Confeccionava roupas para seus irmãos.

Quando se casou com Salomão Drummond, veio morar na cidade e passou a costurar roupas femininas mais trabalhosas com pregas e rendas. À medida que o tempo passava, entusiasmava-se cada vez mais com a profissão.

Era uma pessoa muito dinâmica e determinada, provida de muita criatividade e conseguia conciliar a profissão de costureira com a de professora e com a arte de ser dedicadíssima mãe de seis filhos.

Logo se tornou conhecida e respeitada pelo excelente trabalho que desenvolvia como costureira e modista. Foram quarenta e cinco anos de exercício nesta profissão. Com ela assegurou a formação educacional de seus filhos.

Ela preencheu uma lacuna em Araxá, embelezando as senhoras e senhoritas mais elegantes da época e também as mais bonitas e importantes noivas da cidade e da região.

Hermantina, além de ter tido aulas com Madame Goes de São Paulo, gostava de criar e possuía um extremo bom gosto, daí ser muito requisitada pelas freguesas que tinham plena confiança nela.

Dentre as várias clientes, o realce para Dalcy Santos Cunha e Luízinha Baroni, além de suas próprias filhas e da nora Márcia.

Hermantina marcou época e registrou seu nome na história da cidade.

Pesquisa: Keyla B. Machado.

Texto: Cecília A. Machado de Paiva.

## Maria Salerno Melasippo



D. Pequetita. Acervo: Conceição Melasippo.

Maria Salerno Melasippo, mais conhecida como "D. Pequetita", era muito simpática, simples, empreendedora e criativa. Com tantas qualificações tinha mesmo que ser lembrada por quem registra a história. Optou por ser uma expert na confecção de diferentes tipos de chapéus, além de costurar roupas e enxovais para noivas.

Araxaense, nascida a 10/10/1895, era filha de Cândido Manoel dos Reis e Luíza Salerno dos Reis. Foi criada pelos avós maternos, Luís Boaventura Salerno e Gabriella Arcanja Benigna da

Silveira.

Aos dezesseis anos usou sua criatividade para aprender a arte de coser. Começou sozinha, desmanchando roupas velhas para fazer o molde e só depois é que criava peças novas. Assim foi aprendendo até um dia estudar e se diplomar pela Escola de Corte e Costura Santa Ignez de São Paulo. De lá trazia o material e as formas para confeccionar chapéus de palha ou de feltro. Estes finos produtos poderiam ser enfeitados com bordados, penas ou fitas, em diversas cores, tamanhos e formas.

A partir de 1924 atendia em seu ateliê à R. São Miguel (atual R. Cap. Izidro). Ali funcionava a oficina de costura e chapéus, dispondo dos mais recentes modelos da época.

Casou-se com o italiano Alfredo Melasippo e tiveram dez filhos. Permaneceram em Araxá até 1948 e depois mudaram-se para Belo Horizonte. Nesta época teve oportunidade de conhecer a família do governador Milton Campos, podendo continuar prestando seus serviços de modista e chapeleira. Conciliou o trabalho, a família e um grande hobby, viajar.

Mulheres de Araxá, que souberam ultrapassar limites do tempo em que viveram merecem ser reconhecidas. D. Pequetita, que faleceu em 1989, é uma delas.

Pesquisa e texto: Keyla B. Machado.

## Terezinha Roquete

Sua vida profissional em Araxá teve início em 1955. Logo alcançou o sucesso, pois suas criações eram de qualidade compatível à dos grandes costureiros da época. Terezinha, além de possuir uma visão avançada da moda, tornou-se uma consultora auxiliando suas clientes a definir o que usar nos variados tipos de eventos. Como ela mesma diz: “fazia do famoso quarto de costura um consultório de psicanálise, onde a transformação se dava em pouco tempo”. Inspirava confiança nas pessoas também pelo seu modo de ser: sempre muito discreta e de uma

elegância nata.

Naquela época era difícil conseguir em Araxá certos aviamentos e tecidos, mas ela se disponibilizava e trazia do Rio de Janeiro as novidades de que necessitava. Os tecidos mais usados eram: organza cristal, cambraia de linho, cetim bangu, popeline de bola e listrada, veludo, cassa suíça, baiadeire (estampa da vovó), organdi suíço, tafetá de seda, renda “guipure” e feltro, sedas com estampas de onça.

Estavam em moda, os bordados de “richelieu” e miçangas tchecas, saia “ballonné”, ponto russo, mangas japonesas e raglã, combinação e anáguas de renda para sobrepor as roupas, vestidos tipo trapézio, redingote e balão, muito cinto, turbantes e luvas.

Seu caderno de medidas chegava a ter trezentas freguesas. Entre essas mulheres elegantes de Araxá estavam: Dalcly Santos Cunha e suas filhas Iara e Magaly, Lourdinha Santos Lemos, Diva Lemos Abreu, Daminha Castro Lettieri, Idalina Nolli, Maria Josina Lemos, Vera Santos, Olga Nolli, Olívia Fonseca, Hortência e Jacyra Cavalini, Dora Lemos, Dilma Peixoto, Guiomar Menezes, Nonoca Machado, Carmelita Cunha, Ligia Cunha, Isa Boaventura Helena Porfírio, Aída Santos Abreu,

Olegária Abreu, Maria Santos Reis (Maria do Baltazar), Magali Pires, Terezinha Paiva, Aparecida Borges, Maria Auxiliadora Chaer Lopes (Dorinha), Josefina Akel, Aparecida Correia e Dagmar Coelho (Mazinha).

Em meados da década de 60, Terezinha mudou-se para Belo Horizonte acompanhando seu marido, Newton Roquete. Lá pôs à mostra toda a sua bagagem de experiências com a alta costura e se tornou modista de renome.

Pesquisa: Keyla B. Machado.

Texto: Cecília A. Machado de Paiva.

## Maria de Lourdes Corrêa



D. Pepita. Déc. 30 (foto maior). Déc. 60 (foto menor)  
Acervo: Maria Antonieta Vilela.

Maria de Lourdes Corrêa, conhecida como Pepita, morava com seus pais na R. Presidente Olegário Maciel, em frente ao Hotel Pinto. Sempre foi disciplinada e de muito bom gosto.

Casou-se com Genaro Porfírio de Azevedo e saiu do casarão de seus pais para morar em uma casa menor. Tiveram seis filhos e ela sempre contribuiu para as despesas da formação deles.

Costurar para seus filhos fez com que aflorassem nela as



Terezinha Roquete. Déc. 50. Acervo: particular.

habilidades de uma estilista nata e de muito bom gosto. Iniciou confeccionando roupas infantis e depois, de senhoras.

Foi a São Paulo e participou de um curso de alta costura. Com o rigor e a disciplina aliados ao seu bom gosto, o sucesso de Pepita logo veio à tona.

Fazia roupas clássicas para as senhoras e, para as jovens preparava vestidos para os bailes de debutantes e os concursos de "Miss". Criava os seus modelos e montava suas próprias coleções. Em seguida divulgava e comercializava as peças em Araxá e em várias cidades do interior de Minas Gerais e de São Paulo.

Em agosto de 1960 realizou, no Clube Araxá, um baile com desfile de moda, junto com Guilhermina Chaer e o costureiro de São Paulo, Baddio. Várias jovens elegantes da sociedade da época apresentaram os mais recentes modelos da alta costura francesa.

Chegou a ter de doze a quinze funcionárias entre auxiliares de costura e bordadeiras. Todo acabamento de suas roupas era feito à mão e muito bem elaborado. Este tipo de trabalho é muito valorizado atualmente porque hoje é a máquina que efetua esse serviço.

Seu primeiro ponto de venda foi na galeria do Grand Hotel, um ótimo lugar para se tornar conhecida e alçar vôos mais altos. O fluxo de turistas do hotel era grande, de ótima qualidade e ela mostrava a sua competência.

Entre suas clientes estavam as filhas do presidente Juscelino Kubitschek, que usavam a suíte presidencial do Grande Hotel para fazer as provas dos vestidos bordados. Outras freguesas em destaque: Dalcy Santos Cunha, Lourdinha Lemos, Cândida Lemos, Terezinha e Manoelita Lemos, Dilma (Miss Araxá) e Dora Lemos.

Era muito determinada e empreendedora, tinha um sonho e foi à luta para realizá-lo: queria adquirir o casarão que tinha pertencido a seus pais. Com a meta atingida, Pepita instala sua loja na

frente (ao lado da livraria de seu marido) e o ateliê nos fundos, morando com a família no segundo piso.

Pepita conquistou seu espaço, conseguindo impor seu nome.

Pesquisa: Keyla B. Machado.  
Texto: Cecília A. Machado de Paiva.

## Salviana Carneiro Galdino



Christiana Teixeira. 1981. Acervo: Bernadete de Lourdes Resende Teixeira.

Salviana Carneiro Galdino, conhecida como Viana, nascida a 10/04/1934, aprendeu a costurar aos nove anos de idade com uma vizinha de fazenda.

Mudou-se para Araxá com a finalidade de estudar, mas também costurava. Morava com seus tios Jacques Vilela e Ursulina Afonso Carneiro.

Um parente de seu tio apresentou-lhe membros da família Matarazzo de São Paulo. Eram pessoas muito bem relacionadas, freqüentavam a "alta sociedade" de São Paulo e tinham uma excelente modista que confeccionava as roupas da família.

Viana mudou-se para São Paulo e aprendeu a alta costura com Maria, a costureira dos Matarazzo. Além de Viana ter aprendido tudo com ela, ficaram amigas também.

Permaneceu em São Paulo por quatro anos.

Chegando a Araxá, logo iniciou a vida profissional, morando primeiramente com o casal de tios. Dois anos depois, fixou residência com seus irmãos que estavam em Araxá para estudar.

Assim que as primeiras peças foram sendo entregues, a credibilidade aconteceu instantaneamente e foi só colecionando freguesas.

Viana sempre foi muito detalhista, responsável e de gosto apurado o que fazia dela uma excelente profissional. Em suas máquinas Singer e Pfaff fazia de tudo, das roupas mais esportivas até vestidos de alta costura, vestidos de noiva e de debutantes. Suas clientes mais assíduas: Valderes Maneira, Auxiliadora Ribeiro, Christiana Teixeira e sua mãe, Bernadete.

Casou-se com Divino Rallilo Galdino, teve uma filha chamada Rívia e, atualmente, espera a chegada de uma neta.

Por trabalharem em setores afins (Divino tinha uma loja de tecidos), Viana ajudava o marido nas compras dos cortes de tecido e também dava assessoria para freguesas da loja.

Viana trabalhava com amor e sentia prazer de ver as clientes bem vestidas.

Pesquisa: Keyla B. Machado.  
Texto: Cecília A. Machado de Paiva.

## Maria do Rosário dos Santos

D. Santinha, como era conhecida, nasceu em 11/09/1904 e sempre teve habilidade com atividades artístico-manuais. Casou-se com Balduino Menezes e depois, em segundas núpcias, com Theóphilo dos Santos com quem teve três filhos.

Além de costureira, bordava muito bem e era professora de "trabalhos manuais" no Grupo Escolar Delfim Moreira.

D. Santinha especializou-se e ficou famosa como bordadeira de



D. Santinha. Déc. 60. Acervo: Márcia Scarpellini.

monogramas. Seus trabalhos encantavam as noivas. Todas queriam ter em seu enxoval peças feitas por ela.

O dom artístico se estendeu à filha Márcia, professora e excelente pintora. A filha Myrthes aprendeu a trabalhar com a mãe e a ajudava muito a atender as encomendas que não eram poucas. Foi uma herança bem-vinda porque Myrthes se tornou exímia costureira, possuindo clientes fiéis.

Santinha trabalhou até os 70 anos de idade. Faleceu em outubro de 1978.

Pesquisa: Keyla B. Machado.  
Texto: Cecília A. Machado de Paiva.

## Emília Siqueira



Emília Siqueira. Déc. 50. Acervo particular.

Emília Siqueira, filha de Waldemar Siqueira e Mariana Samartano, nasceu no dia 07/09/1928. Em 1939 seu pai faleceu e ela, muito amorosa e companheira, com apenas onze anos, passou a ajudar a mãe. Aos quinze anos aprendeu o ofício com Laurinda (Linda) Samartano, sua tia materna.

Permaneceu algum tempo ajudando sua tia e depois passou a ter suas próprias clientes. Sua primeira freguesa foi Irene Santos, ainda hoje uma grande amiga, conhecida como uma bordadeira famosa e muito requisitada.

Emília confeccionava vestidos de noiva e roupas para bailes. Era uma costura diferenciada, com o talhe muito elegante.

Mais tarde passou a fazer roupas mais esportivas, ou seja, não muito convencionais. Seus conjuntos, tubinhos, chemisiers, blazers eram feitos com muita elegância e modernidade.

Atualmente, ainda possui freguesas fiéis que não abrem mão de seu trabalho de modista. Faz, também, consertos para as lojas de confecção feminina.

Pesquisa: Keyla B. Machado.  
Texto: Cecília A. Machado de Paiva.

## Maria Auxiliadora Silva

Nasceu em 19/05/1940 e, desde a infância, acompanhava os trabalhos da avó na fazenda. Gostava muito de arte.

Logo que se mudou para Araxá, aos onze anos, ganhou um vestido que não lhe agradou muito. A partir daí resolveu confeccionar suas roupas.

Mais tarde, Oneida Lettieri a convidou para ir à Brasília em busca de novos horizontes. Foi a passeio, mas voltou decidida a começar a trabalhar como costureira, aqui em Araxá.

Aprendeu alta costura e fez muitos cursos para se aperfeiçoar.

Sua primeira máquina foi a “Liberty”. Muito responsável, exigente e de gosto requintado logo atraiu inúmeras freguesas. Teve várias auxiliares e sempre fez questão de ensinar-lhes o ofício. Contava sempre com a ajuda da irmã Leninha e juntas confeccionavam vestidos de baile, de formaturas e para outras festas em que era exigido o traje “a rigor” ou mesmo o “passeio completo”.

Casou-se em 1987 com Ubirajara Rodrigues.

Com o seu trabalho contribuiu com as despesas da família e com a compra da casa própria.

Sente-se muito realizada com a profissão e, mesmo já aposentada, continua costurando com o maior prazer.

Pesquisa: Keyla B. Machado.  
Texto: Cecília A. Machado de Paiva.



Maria Auxiliadora Silva. 1987. Acervo particular.

## Marieta Coelho Luz



Marieta Coelho Luz. 2000, aproximadamente. Acervo particular.

Filha de Jerônimo Coelho da Fonseca e Maria Carlota de Souza Coelho (D. Fiça), proprietários do Araxá Hotel.

Vinda de São Paulo em 1939, Marieta, já casada com Paulo, chega a Araxá para seu marido assumir a gerência do Hotel.

Em 1940, depois de ter se desquitado, as necessidades financeiras se agravaram.

Marieta começa a costurar, a princípio, para conseguir manter suas filhas que estudavam desde meados de 1944 em um internato na cidade de Franca/SP.

Vestiu várias noivas de Araxá, confeccionou muitas fantasias vencedoras de concursos dos áureos carnavais do Grande Hotel do Barreiro.

Relata com saudades os bate-papos após o almoço, quando se reuniam no alpendre da casa de Hermantina e Salomão Drummond que, além de amigos, foram os segundos pais em sua vida. Segundo ela, "mulheres extraordinárias passaram por mim, amizades que conservei ao longo dos anos e que foram grandes incentivadoras na minha vida. Os jogos de buraco na casa de Dalcly Santos Cunha, o papo alegre de Luzia Vale, Aída Santos, Mariinha do

Jason, Alzaíra do Benedito, Tina do Bazar Fonseca, Bina do Zequinha Fonseca, Dulce do José Guimarães e todas as suas filhas, Lourdinha do Cassiano, D. Ranulfa do Diomedes Santos e suas filhas, Dora Lemos e suas filhas, D. Juvenília Lemos, sua filha Celinha, Taíta do Carício Afonso e outras tantas que me esqueço de relacionar, mas que fizeram parte do meu passado. Muitas delas já falecidas, mas que continuam vivas na minha lembrança".

Marieta reside atualmente em Ribeirão Preto e, aos 91 anos, continua trabalhando em prol das pessoas mais necessitadas, assim como, procedia outrora em Araxá, quando fazia parte do Conselho do Orfanato Santa Terezinha.

"Estou realizada e feliz, pois minhas filhas me deram 7 netos e 9 bisnetos que são a alegria da minha vida. Araxá, apesar de tudo o que passei, das dificuldades, incompreensões que não foram poucas, vive no meu coração como uma dádiva de Deus, pois tive, nos 28 anos que lá morei, muitas, inúmeras alegrias".

Pesquisa: Keyla B. Machado.

Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista.

## Jacinta Teixeira Afonso

Jacintinha, como é chamada, nasceu em 28/07/1926 na cidade de Araxá e é filha de Jacinta Rodrigues



Jacinta Teixeira Afonso. Déc. 90. Acervo particular.

Valle e Elói Teixeira de Ávila.

Já casada com José Afonso Teixeira, começou a profissão por necessidade de confeccionar roupas para as filhas.

Aprendeu com Iolanda Nolli no Curso Ioli. Costurava e ensinava. Trabalhou para Maria Lúcia Zema 23 anos. Fazia também aplicações em tecido.

Posteriormente abriu, na esquina da R. Olegário Maciel com Av. Antônio Carlos uma "boutique" chamada "Jacintinha Modas", lançando nessa época a calça Lee.

Costurava e vendia roupas trazidas de Campos do Jordão e continuava atendendo por encomendas, fazendo os ajustes necessários.

Participou de desfiles de moda no Grande Hotel e teve algumas clientes importantes como Leda Collor de Melo.

Confeccionou muitos vestidos de debutantes e de noivas, alta costura com tecidos de musselini de seda pura, com trabalhos em plissê.

Bordava à mão e executou esse ofício durante 10 anos para D. Pepita. Sempre trabalhou em casa cortando os tecidos que suas auxiliares fechavam.

Para suas filhas ela fazia criações próprias para que elas se apresentassem em desfiles. Sentese orgulhosa em dizer que muito pôde ajudar na formação profissional de cada filho.

Pesquisa: Keyla Barbosa Machado.

Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista

## Adélia Jorge Tapxure

Nascida em 09/11/1921 e filha de Jorge Miguel Jacob Salomão e Felícia Jorge Miguel.

Aos 13 anos começou a se arriscar na área de costura, utilizando os tecidos da loja do pai. Cosia roupas para ela própria e, quando as amigas lhe pediam para fazer alguma peça, ela confeccionava e assim foi se solidificando na profissão.





Adélia Jorge Tapxure. Déc. 50. Acervo particular.

No arraial de São José da Antinha/MG, ela já possuía clientela formada por suas amigas, quando veio para Araxá aos 15 anos. Nessa época faltavam-lhe objetos essenciais como: fita métrica, alfinetes e ferro elétrico. Mudou-se para a zona rural, permanecendo lá até 1947. Depois retornou a Araxá e atuou fortemente na sociedade até 1970, atendendo várias senhoras tais como: Cândida Lemos, D. Fifina Salomão, Dalcy Santos Cunha e suas filhas Iara e Magaly, Angelina Tannús, Regina de Ávila, Maria Rita Aguiar, Josina Pereira entre outras.

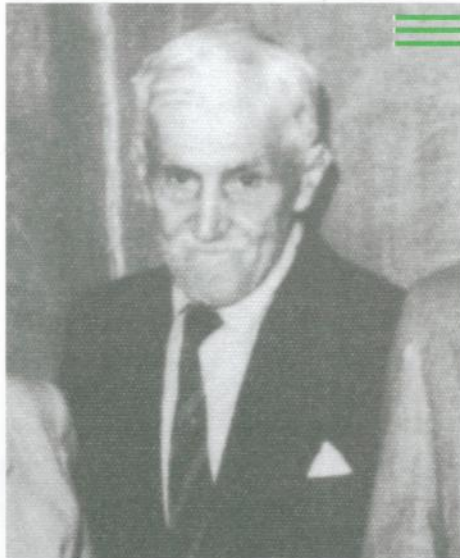
Seu ateliê ficava na Av. Senador Montandon, na própria casa, depois no apartamento na R. Dom José Gaspar e, por fim, na R. Capitão Izidro. Permaneceu ali até 1970 quando se mudou para o Paraná com seu marido, Fued Tapxure.

Residiu no sul até 1974. Depois mudou-se para Uberaba e, em 1979, ficando viúva foi morar com a irmã por 5 anos na mesma cidade. Em 1984 voltou para Araxá. Hoje continua o hábito só para atender gostos próprios. Possui também habilidade para crochê que, eventualmente, faz pra fora.

Costurava peças para moda clássica como "tailleurs", mantô, casacos e saias. Tirou seu sustento e realização da própria profissão.

## Avelino Custódio Guimarães

Araxaense, filho de José Caputo e Ambrosina Guimarães, nasceu em 10/11/1886. Ainda rapaz trabalhou com Octávio Barreto e Olivério Moura Barreto como "aprendiz" do ofício. Depois tornou-se alfaiate.



Avelino Custódio Guimarães. Déc. 60. Acervo Aloísio Guimarães

Levava uma vida humilde, residindo com a família no bairro Santa Rita. Costumava tomar banho todos os dias na "banheira", local onde brotava água cristalina.

Casou-se com Ana Porfírio Guimarães e tiveram sete filhos. Vivo, apenas um, Aloísio. Com muito trabalho adquiriu, à R. Dr. Franklin de Castro, uma casa ainda hoje pertencente à família. Por levarem uma vida de sacrifícios, os filhos, desde jovens, começaram a trabalhar, ajudando-o nas despesas de casa.

De caráter honesto e sério, permaneceu com os "Barreto" até o final da década de 50. A alfaiataria funcionava à R. Mariano de Ávila (hoje Armazém do Walter Natal). Sem se aposentar, ficou viúvo e morando com quatro de seus sete filhos que estavam solteiros. Faleceu em 15/07/1975.

## José Hermógenes da Silva

Zé Hermógenes, como era chamado por todos, iniciou sua carreira ainda criança em sua terra natal.

Nasceu em 06/09/1894 no arraial de Pratinha/MG que, na época, pertencia a Araxá.

Veio para cá trabalhar com o Latfala de Jamati. Depois de um certo tempo voltou para Pratinha, casou-se com Zulmira Coelho Lemos e tiveram 9 filhos.

Em suas andanças mudou-se para Ibiá e de lá para São Gotardo, exercendo as profissões de escrivão da Coletoria Federal, alfaiate e músico de banda, chegando a tocar numa orquestra no tempo do cinema mudo.

Voltando a Araxá, ele trabalhou como contra-mestre de alfaiataria com Octávio Barreto e Latfala. Foi também chefe na indústria de roupas de Rosalvo Santos e Elizeu Ferreira.

Alugou um cômodo na antiga R. do Comércio, hoje R. Dr. Franklin de Castro, onde é o prédio da Casa França, para montar sua própria



José Hermógenes da Silva. Arquivo 03014/SAPP/FCCB

oficina. Era muito procurado por diversas pessoas da sociedade abastada de Araxá que valorizava muito sua habilidade. Tinha como clientes algumas mulheres, como, por exemplo, Hermantina Drummond que aprendeu o corte francês de "tailleur". Confeccionava batinas para padres e bispos de Araxá, Uberaba e São Paulo.

Era um artista nato. Regeu a Banda Santa Cecília do Sr. Armando Santos, compôs várias músicas e poemas e tocava instrumentos de sopro e de corda.

Trabalhou em sua casa até o final de sua vida, atendendo os amigos e os fregueses, aproveitando, também, para estar mais próximo de sua amada Zulmira.

Pesquisa: Keyla B. Machado.

Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista.

## Celso de Castro



Celso de Castro. Déc. 50. Acervo da família

No século XX, Araxá contou com a presença de vários alfaiates, importantes profissionais que supriam o mercado em tempo de escassas confecções. Aos 15 anos Celso de Castro aprendeu os primeiros cortes com Latfala de Jamati. Trabalhou junto de outros como Oacisto Teixeira, Octávio Barreto e Mário Cardoso.

Nascido em 06/12/1896, filho de João Evangelista de Castro e Rita Mafalda de Castro, foi criado pelo tio Nominato Ferreira dos Santos.

Casou-se em 22/02/1922 com Georgina dos Santos e juntos tiveram 7 filhos. Sua oficina era em casa mesmo, à R. Major Tito, hoje residência dos filhos. Podia contar com a ajuda de dois dos filhos, Luiz Gonzaga e Maria Tereza, nas atividades diárias. Essa última como calceira.

Atendia os diversos clientes que costumavam levar os próprios tecidos.

Após a morte prematura do filho Luiz Gonzaga, Celso caiu em profunda depressão até quando, no final da década de 60, parou de trabalhar. Faleceu em 18/02/1979.

Dedicou seu tempo à família, ao trabalho e à religião. Foi um homem extremamente religioso. Pertenceu à Irmandade do Santíssimo Sacramento, atuou como membro da Associação dos Cooperadores Salesianos, além de ter sido vicentino por mais de 40 anos.

Pesquisa: Keyla B. Machado.

Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista.

## Oacisto Teixeira da Cunha

Nascido em 11/11/1900, filho de Ambrósio Teixeira da Fonseca e Fidelina Maria das Neves.

Desde jovem, trabalhando com Octávio Barreto, exercia sua profissão de alfaiate para melhorar sua renda.

Casou-se com Semíramis Barreto Teixeira e tiveram onze filhos, três deles falecidos prematuramente.

Em 1937/1938, a convite dos irmãos Alvarenga (Edson, Udson, Jackson e Peterson) foi a São Paulo fazer curso de contra-mestre (o que corta o tecido) a fim de montarem uma alfaiataria na Casa Seleta. Trabalhou por alguns anos neste estabelecimento muito conhecido



Grupo de alfaiates na década de 20, dentre os quais se veem Oacisto Teixeira da Cunha (segundo da esquerda p/ a direita sentado) e Octávio Barreto. Acervo: Glauro Teixeira Nogueira Lima.

em Araxá.

Homem culto, adquiriu do pai o apurado gosto para a leitura. Era muito bem informado através dos principais meios de comunicação da época (jornal e rádio).

Simultaneamente ao seu emprego, Oacisto costurava também em casa, sempre contando com a ajuda da esposa para confeccionar calças.

Permaneceu com esta função até meados de 1940. Por estar com problemas de saúde foi impedido de continuar seu ofício. Durante a sua doença obteve ajuda financeira dos filhos.

Oacisto faleceu no final de 1950.

Pesquisa: Keyla B. Machado.

Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista.

## Octávio Barreto

Filho de Urbano Barreto e Maria de Paiva Barreto, nasceu em Araxá no dia 20/11/1900.

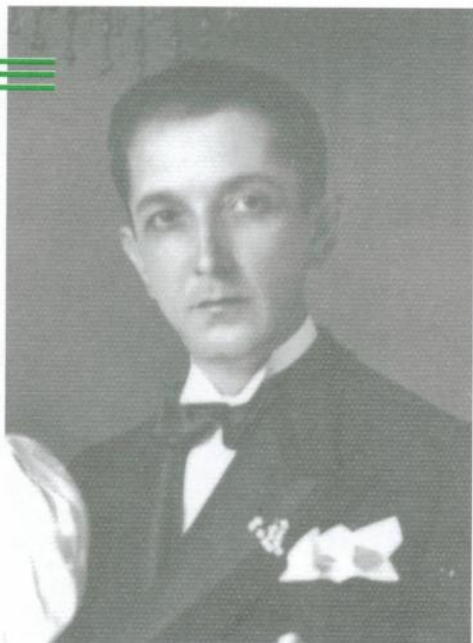
Casou-se com Olyntha de Castro Barreto e sempre residiram em Araxá. Não tiveram filhos.

Tinha uma alfaiataria na esquina da R. Mariano de Ávila com R. Calimério Guimarães (hoje Armazém do Walter Natal) e trabalhava com Avelino Guimarães, José Hermógenes, Juca Barreto (seu irmão), Donato Marques, Zezé Baptista, Rosivaldo Silva e José Jacinto Silva.

Sua oficina chamada "Tesoura Mineira" não apenas confeccionava os famosos ternos, "smokings" e fraques de corte impecável, como também vendia tecidos como casimira inglesa e linho 120 branco.

Com o aparecimento de roupas prontas e a facilidade de pagamentos nas lojas, o movimento da oficina foi decaindo.

Octávio era muito ligado à famí-



Octávio Barreto. 1937. Acervo Olyntha de Castro Barreto.

lia, muito trabalhador e cumpridor de seus compromissos.

Pesquisa: Keyla B. Machado.  
Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista.

## Olivério Moura Barreto

Nascido em Ibiá em 14/08/1906, filho de Enezília Moura Barreto e Henrique Moura Barreto.

A pedido de sua mãe, ainda na infância, aprendeu a profissão em Carmo do Paranaíba.

Na década de 30, veio para Araxá já casado com Maria de Moura Barreto e com 2 filhos. Teve mais 10 ao longo dos anos.



Olivério Moura Barreto. Déc 90. Acervo Maria Auxiliadora Moura.

Chegou a fazer curso de alta costura com um professor francês, quando realmente se especializou neste ofício. Costurou em casa por um tempo até receber o convite para trabalhar com o primo Octávio Barreto. Nesta alfaiataria Olivério era funcionário dentre os vários oficiais que lá aprendiam.

Passados alguns anos saiu para montar sua própria oficina. Viajava para São Paulo eventualmente e também comprava dos "caixeiros" viajantes tecidos como: casimira, linho 120 e brim. Na alfaiataria, tanto se faziam ternos e "tailleurs" como se vendiam tecidos.

Essa funcionou primeiramente onde hoje é o Foto Santos, em frente à casa do Ary Jamati. Depois foi para a esquina da R. Boa Vista com Av. Antônio Carlos. Mudou-se para a R. Mariano de Ávila onde hoje é a Casa das Meias, até se aposentar. Por lá passaram diversos clientes como Cel. José Adolpho e filhos, Pedro Olyntho, Geraldo Porfírio, Geraldo Pereira Marques, Domingos Santos entre outros.

Confeccionou "tailleurs" para várias mulheres como Hermantina Drummond e ainda ensinou-lhe o corte francês. Sua irmã, Francisca Moura, tornou-se calceira através de seus ensinamentos.

Foi um profissional muito responsável com horário e datas, aposentando-se aos 65 anos. Faleceu em 24/05/2000 aos 93 anos.

Pesquisa: Keyla B. Machado.  
Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista.

## José Baptista Sobrinho

O ofício ele aprendeu aos doze anos com o primo Octávio Barreto com quem trabalhou até mais ou menos 1936 como "oficial de alfaiataria" (espécie de aprendiz), sempre demonstrando interesse, aptidão e gosto pela profissão.

José Baptista nasceu em 07/01/1907 em Araxá. Casou-se aos 21 anos com Zaíra Tocafundo Baptista. Morou em Perdizes/MG até 1940, quando voltou a Araxá e montou sua alfaiataria na Av. Antônio Carlos, onde é hoje o Unibanco.

Aperfeiçoou-se fazendo cursos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1944 adquiriu um imóvel na R. Mariano de Ávila e transferiu-se para o novo estabelecimento, com o nome "Batista, o Alfaiate da Moda". Chegou a ter 14 funcionários na oficina e outros tantos que trabalhavam em casa para fornecer a ele a mercadoria já montada. Na mesma época, onde hoje é o Mikichas, abriu outra oficina, "A Elegante", gerenciada por Olivério Moura Barreto. Essa casa teve vida efêmera.

Exigente com a qualidade, perfeccionista, era muito procurado por turistas que vinham de São



Hildebrando Maneira, Sr. Ribeiro, não identificado, Sr. José Baptista com as filhas Dêmea e Dulce Helena na porta da alfaiataria. Final da década de 40. Acervo: Diva Baptista Tocafundo.

Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e várias outras cidades. Entre os inúmeros clientes que atendeu ao longo de sua vida, podemos lembrar Vitorico Alvarenga, Max Neumann, Dino Baroni, Manoel Lopes, Hildebrando Maneira, Dr. Pedro Pezzuti e vários das famílias Maneira, Lemos e Aguiar.

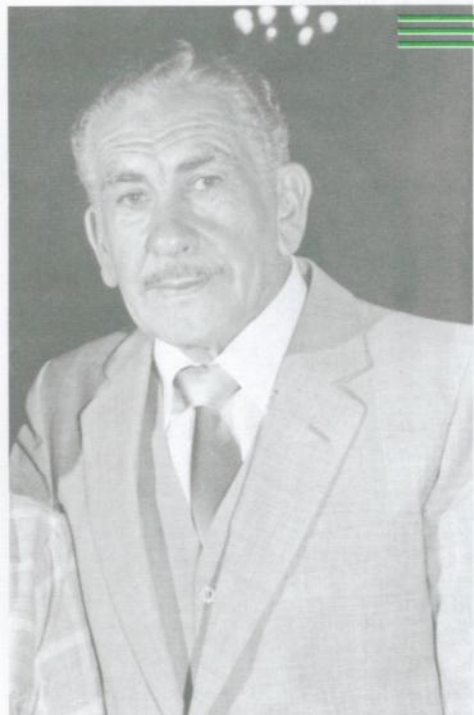
Os tecidos comprados dos viajantes (chamados de "caixeiros") vindos de São Paulo eram casimira inglesa, linho irlandês, fio 120, tropical inglês etc.

A alfaiataria da R. Mariano de Ávila funcionou até meados de 1960 e depois, já aposentado, Baptista montou uma mercearia na Av. Vereador João Sena. Em 26/11/1984 Araxá despediu-se de um homem competente e sério que deixou esposa, seis filhos e nove netos.

Pesquisa e texto: Keyla B. Machado.

## Donato Marques da Silva

Filho de Juvêncio Marques da Silva e Ambrosina Roberta da



Donato Marques da Silva. Déc. 80. Acervo Suzete Marques Borges.

Silva, nascido em 30/07/1907.

Alfaiate desde pequeno. Veio de Pratinha/MG com cinco irmãos, sendo que todos eles aprenderam o mesmo ofício. Naquela época, para se prepararem para uma profissão, os jovens aprendizes trabalhavam um longo período sem remuneração para adquirirem experiência. Donato treinou com vários profissionais e, posteriormente, em casa, estabeleceu-se por conta própria. Durante toda a vida foi dedicado, competente e, sobretudo, perfeccionista.

Casou-se com Maria do Rosário e tiveram dez filhos. Foi um homem calmo, alegre, carinhoso, comunicativo, com muita fé e também muito corajoso diante das dificuldades que enfrentou na vida.

Pessoa muito sensível que, nas horas de lazer, se reunia com os irmãos para tocarem instrumentos musicais que eram aprendidos "de ouvido". Muito amigo, sempre soube transmitir princípios de honestidade e de integridade, sendo um exemplo para seus descendentes.

Faleceu em 28/06/1991.

Pesquisa: Keyla B. Machado.

Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista

## Geraldo Camarota

Nascido em Dores do Indaiá em 18/05/1912, filho de João e Estandilina (Lica) Camarota.

Após seu casamento com Anita Camarota, morou em Abaeté, Tiros e Araxá. Tiveram 10 filhos. Era considerado um homem elegante, vaidoso, educado e colecionador de amizades.



Geraldo Camarota. Déc. 70. Acervo Miriam Éliida Camarota Afonso.

Entusiasmado com o desenvolvimento que Araxá alcançava com a construção do Grande Hotel do barreiro, fixou residência nesta cidade no final do ano de 1943. Veio de Martinho Campos/MG.

Desde a adolescência iniciou-se na profissão de alfaiate. Aos 31 anos abriu suas portas na R. Olegário Maciel e, posteriormente, transferiu-se para um salão maior, alugado de Agenor Braga de Araújo, situado na esquina da R. Dom José Gaspar com a R. N. Sra da Conceição, onde atualmente, funciona a Classic Jóias.

Atendia a toda a comunidade, médicos, juízes, advogados e autoridades locais.

Ele tinha o hábito de tirar todas as medidas e só depois fazer as anotações no seu caderno, demonstrando uma memória extraordinária para os números.

Em 1950 recebeu vários atletas da seleção brasileira para ajuste de roupas e de uniformes.

Trabalhou até o dia da sua morte em 02/11/1978.

Pesquisa: Keyla B. Machado.

Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista.

## Joaquim de Castro Ramos

Joaquim de Castro trabalhou como costureiro de linha masculina desde menino até os anos 90. Foi um dos que compôs o grupo de hábeis alfaiates em tempo de raras confecções. Muitas pessoas se casaram usando ternos confeccionados por ele. De personalidade tranqüila e de bem com a vida, não se casou por “não ter tido tempo para pensar nisso, só para o trabalho”, mas não faltou tempo para “paquerar”. Hoje, aposentado, mora com dois de seus irmãos (João e Ana Terezinha) usufruindo o conforto conseguido a partir de seu trabalho.

Nasceu em 12/11/1928 em Araxá, dentro de uma família de oito irmãos. Filho de José de Castro (seleiro) e Alvina Ramos de Castro (funcionária do Grupo Escolar Eduardo Montandon e banhista no



Joaquim de Castro Ramos. Déc. 50. Acervo particular.

Balneário do Barreiro). Com apenas doze anos aprendeu o ofício com Olivério Moura Barreto. Costurou primeiro calças e depois paletós. A alfaiataria funcionava na praça Cel Adolpho, ao lado da Farmácia “São Sebastião”.

No período de 1951 a 1954 permaneceu em São Paulo a fim de se aperfeiçoar na profissão. Precisou voltar algumas vezes à capital paulista por problemas de saúde. Restabelecido, retornou a Araxá em 1956 e instalou a própria oficina, a “Alfaiataria Castro”, na R. Mariano de Ávila.

Em 1961 teve que se mudar para a R. Boa Vista, onde hoje é o Centro Comercial. Contava com a ajuda de vários oficiais e ajudantes, como paletozeiros e calceiros. Nesta loja também atendia mulheres, vendendo vestidos e blusas na seção feminina.

Costumava fazer estoque de tecidos vindos de São Paulo para melhor servir os clientes, com grande variedade de marcas, cores e fios.

Por gostar muito de participar da vida social de Araxá, freqüentava os bailes no Clube Brasil e no

Grande Hotel, bares como o do “Bené” e a churrascaria Moquém. Muitos de seus clientes se tornaram amigos como Olavo Drummond, Rinaldo Cunha, Aracely de Paula, José Clementino dos Santos, Emílio Neumann e outros.

Precisou trocar sua alfaiataria de lugar, fixando-a em

diferentes pontos como a R. Dom José Gaspar, a R. Cap. Izidro e, por último, em sua própria casa quando se aposentou.

Pesquisa e texto: Keyla B. Machado.

## Juvêncio Roberto Ribeiro

Nascido em 06/06/1935 na cidade de Araxá/MG, filho de José de Paula Ribeiro e Maria Cândida Ribeiro.

Iniciou sua vida profissional aos 13 anos. Trabalhou por conta própria em São Paulo e sua alfaiataria era sediada na R. Augusta. Fazia ternos para membros de famílias importantes como a Junqueira.

Retornou a Araxá, trabalhando por mais de 20 anos. Nesta terra fez ternos e calças para



Juvêncio Roberto Ribeiro. 2000, aproximadamente. Acervo particular.

peças de várias famílias como a Lemos, a Montandon, a Stéffani, a Ferreira e a Chaer Dib.

Roberto, como era chamado, tem uma particularidade: foi um dos últimos alfaiates de Araxá a exercer esta habilidosa profissão.

Pesquisa: Keyla B. Machado.

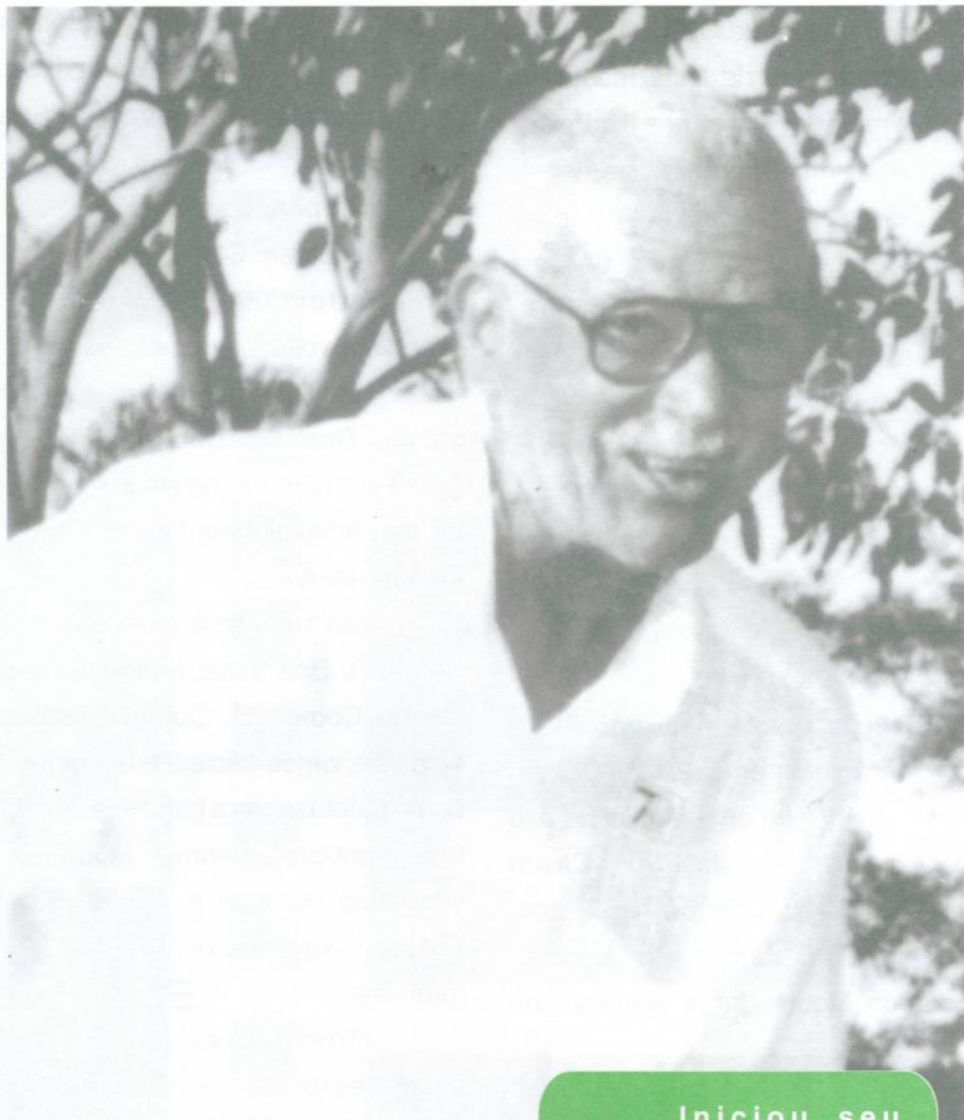
Texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista.

# Quem foi Quem - Bené

Benedito Cardoso Vilela, o popular Bené, nasceu em Araxá no dia 21 de junho de 1924. Filho de Josina Cardoso Vilela e Pedro Cardoso Vilela, o caçula temporão de 09 irmãos (Mário, José, Marcelina, Marcelino, Eremita, Tarcísio, Sebastião e Ramon) fora praticamente criado pelas irmãs.

Na infância estudou no Grupo Escolar Delfim Moreira, demonstrando sempre uma veia artística muito aguçada.

Adolescente, iniciou o 5º ano (admissão) no Colégio Dom Bosco. Coursou o ginásial até a 2ª série. Não era um aluno aplicado. Dava mais importância ao trabalho e a outras vocações prioritárias como, por exemplo, a participação em peças de teatro. Como amador, era considerado um artista em potencial e nunca deixou que seu pendor para a arte fosse esquecido.



Benedito Cardoso Vilela, Bené. Data: Julho/2000

Conta-se que, em uma certa ocasião, chegou a Araxá um circo. Era uma atração incomum no interior. Os espetáculos despertavam no público uma vontade de aventurar-se com o grupo pelas estradas. Aquela magia do picadeiro foi ainda maior para Bené que se apresentou ao diretor e recebeu a proposta para ser contratado. Nesta época nosso protagonista já se encontrava apaixonado pela sua futura esposa, Aparecida Cardoso Vilela.

Casaram-se em 15 de maio de 1948 e tiveram quatro filhos: Ramon (tenente-brigadeiro da aeronáutica), Magali (professora de piano) Aires (falecido) e Lêda, (proprietária de uma empresa de condomínios). Foi um pai amável, carinhoso, brincalhão e muito dedicado à família.

Trabalhador incansável, sempre procurava novas ocupações para criar sua prole. Residia na R. Cônego Cassiano.

Sua primeira profissão foi a de barbeiro. Daí para a frente sempre continuou buscando novas alternativas, que lhe dessem a segurança de fazer o melhor para que seus filhos tivessem uma boa formação profissional.

Iniciou seu trabalho na ACIA (Associação Comercial e Industrial de Araxá) aproximadamente em 1936 como recebedor do SPC (Serviço de Proteção ao Crédito). As casas comerciais se registravam na ACIA e contribuíam mensalmente com um valor que era pago no próprio estabelecimento ao Sr. Bené. Andava por toda a cidade com sua sandália "franciscana", cumprimentando rapidamente e sem parar os inúmeros conhecidos.

Bené foi gerente do Clube Brasil por aproximadamente 4 anos e abriu seu próprio Bar em 1959.

Era considerado uma figura única. Irritava-se facilmente, tinha sempre uma resposta na ponta da língua para qualquer pessoa. Dentro do bar só entravam as pessoas que ele permitia e às vezes era até incoseqüente em suas atitudes dentro do seu estabelecimento.

No trabalho mostrava-se uma pessoa exigente consigo mesma. A cerveja tinha que estar extremamente gelada e os copos brilhando. Ele dizia sempre seu bordão: “a única coisa que sei fazer bem é lavar copos”.

Tinha o seu ritual, gostava de beber pinga e vinho, intercalados ao tira-gosto de minúsculos pedaços de queijo curado.

O fato de ter uma personalidade forte não o impediu de ser um colecionador de amigos. Era querido e amado por todas as pessoas que sabiam enxergar os valores de um homem simples.

Tinha como “hobby” colecionar, em um caderno, pensamentos de grandes filósofos que passaram até a ditar moda ao serem expostos dentro do bar. Interessante é que, em função de sua verve artística, Bené fez do bar um palco de teatro. Inteligente e sábio usou seus “causos” para dar início às “Benezadas” e ainda montou uma peça de teatro, em que encenou o papel principal.

**Seu bar passou por várias fases de mudança interna, mas o que sempre prevaleceu foi a alegria e a animação de viver momentos inesquecíveis, regados a cerveja “no ponto”, tira-gosto e muita animação, sua marca registrada.**



Bené na porta do bar situado à Rua Mariano de Ávila. Década de 70

Bené nutria outra paixão: cavalos. No entanto, demorou muitos anos a concretizá-la. Administrou a fazenda de sua filha Magali por aproximadamente 20 anos e ao completar 60, ganhou de presente dos filhos o seu sonhado cavalo. Dizia brincando com a verdade: “Demorei 60 anos para ter meu primeiro cavalo Danúbio”.

Bené era muito ligado à família e ajudou na criação de seus netos. Estes o descrevem como brincalhão, parecido com um personagem de revista em quadrinhos, um avô que ia além do imagi-

nário, embora fosse tão real em seus ensinamentos. Isso os faz orgulhosos de terem podido desfrutar de sua companhia e terem na lembrança o avô como referência de um paternalismo sadio.

Esposo dedicado, ao saber da doença que acometeu sua esposa, Aparecida, em meados dos anos 80, fechou o Bar para se dedicar inteiramente a cuidar dela.

Bené faleceu em 09/09/2000, deixando para a família e amigos ensinamentos que o tornaram uma pessoa especial e querida por muitos.

# O mundo em transformação



A arte brasileira tem sua origem no período anterior ao descobrimento, com a arte indígena, de caráter ritualístico e sagrado, representada sobretudo por adornos feitos com plumas de pássaros e cerâmica de motivos geométricos.

A chegada dos portugueses, da catequese jesuítica e mais tarde, a invasão holandesa favorecem os primeiros contatos com a arte européia, que tem forte influência sobre a produção nacional em todas as épocas.

No início dos anos 60, o país estava em processo de transformação em todos os sentidos. Brasília prometia a modernidade, as grandes cidades estavam mudadas e a arte buscava novos caminhos. No dia-a-dia, a presença cultural norte-americana se multiplicava por todos os lados: na grande indústria, nos arranha-céus, na publicidade, nas roupas, no cinema. Com a grande concentração de operários nas cidades, surgiu o receio de movimentos trabalhistas e sindicais.

A Casa Branca passou a se preocupar com possíveis levantes comunistas na América Latina, a exemplo do que ocorrera em Cuba em 1959. A preocupação, a mesma da burguesia e da classe média brasileiras.

No final dos anos 50, surgiu a bossa nova com João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes entre outros.

No teatro, Nelson Rodrigues

escandalizava as platéias ao retratar a hipocrisia e os conflitos da classe média urbana típica, angustiada por problemas materiais e incertezas existenciais.

O Cinema Novo retomou, em parte, a discussão levantada pela Semana de Arte Moderna de 1922. Ele se preocupava com o Brasil, com as origens e com o futuro da cultura e da arte do país, num mundo cada vez mais industrializado e dividido em torno de temas globais como a cultura burguesa, o capitalismo e o comunismo.

No fim dos anos 60 surgiu a Tropicália, uma corrente que refletia bem os conflitos políticos e estéticos da época. As idéias defendidas por poetas concre-

**A produção cultural que se observou a partir dos anos 60, no Brasil e no mundo, mostra que nenhum sistema político possui o monopólio do bem e do mal, como as fórmulas da Guerra Fria tentaram passar ao mundo. Por sua própria natureza, a arte e a cultura estão sempre buscando formas de denunciar os conceitos maniqueístas criados em nome das ideologias políticas.**

**Nos grandes centros urbanos Juscelino Kubitschek suscitou mudanças que tiveram reflexos nas artes, na ciência e na tecnologia, enfim, na produção cultural do país inclusive nas cidades do interior.**

tistas como Augusto e Haroldo de Campos, engajados com as idéias de Caetano Veloso entre outros, enfrentavam resistência nos movimentos estudantis.

Hoje podemos constatar mais claramente que nem o socialismo nem o capitalismo oferecem a chave da felicidade. O muro de Berlim tinha por finalidade impedir a fuga de alemães orientais em busca de melhores condições de vida na Alemanha Ocidental. A partir da queda do Muro de Berlim, destruído em 1989, o que se tem visto é a livre comunicação entre países que estiveram distantes uns dos outros por mais de 40 anos. Esse intercâmbio de culturas e conhecimento científico, facilitado pelos avanços da tecnologia, pode vir a consolidar, no futuro, um mundo mais democrático em todos os sentidos: no exercício da cidadania, na vida cultural e, sobretudo, no campo das idéias.



# A História de um Boteco

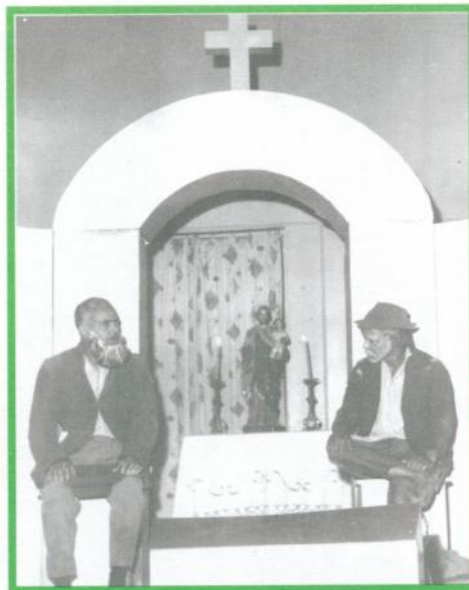
## Bene's Club

O Bar do Bené foi fundado em 1959, numa época em que as diferenças de classe social, de cor ou de religião eram evidenciadas em todos os movimentos. Dizia-se muito "o rio corre para o mar" porque a economia favorecia quem já tinha. Isso era reforçado nas classes mais abastadas onde as chances eram sempre maiores. Inevitavelmente, a sociedade, ou seja, a elite ou a nata como era chamada, sobressaía às outras e se tornava sempre o objeto de desejo das pessoas. Tudo isto acarretava descontrolo financeiro para certas pessoas que faziam o possível para aparentar o que não tinham. Reflexo cultural da época.

Atualmente, com a globalização, muita coisa mudou, tendo influenciado no comportamento das pessoas e nos seus modos de pensar e de agir. O acesso a tudo é maior e passa a não ser privilégio só de alguns.

O bar do Bené foi ousado até nisto. Era um boteco, instalado num imóvel antigo, desprovido de beleza estética, sem afetação, mas freqüentado pelo "high society".

Na primeira fase do bar ainda não havia a proposta de ser "privé", mas Bené tinha latente este desejo: transformar o seu "boteco" em um lugar onde os amigos teriam o prazer de se reunirem e de se sentirem em



Encenação da Peça Teatral: "Deus lhe pague", no Colégio São Domingos na década de 70 - Bené (à esquerda) e Decinho (à direita).

um local selecionado e privado. Esta idéia fazia parte do contexto cultural dos anos 60 e 70. Inclusive se tornar Clube "Privé", no final dos anos 70, teve como inspiração o Hippo, bar "privé" de São Paulo, badaladíssimo na época.

Segundo Tarcísio Cardoso, "...o Bené era um cara curioso e o seu boteco, mais ainda". Inclusive, foi criado por seus fregueses um termo para se referir às intempetividades de Bené. Chamavam-nas de "benezadas". Para muitos seria falta de educação, mas o modo como ele se expressava passava uma conotação de ironia misturada a



Batuque no Bar do Bené na década de 70 - Sentados: Tarcísio Cardoso e Bráulio. Em pé: Roberto Marques, Bené, Juninho Lemos.



Da esquerda para a direita em pé: Freu, Covanca, Paulo Maneira, Bené, Zé Gatinho, Canarinho, Waldemar, Lipinho, não identificado, Joaquim de Castro, Rafael e Cezinha. Sentados na mesma direção: Astolfo (Gambá), Juscelino Kubitschek, não identificado, Olavo Drummond, Lourinho, César Prates, Zé Pires. Década de 70.

graça", com muito humor e destreza mental.

"Uma turista chegou em seu bar e solicitou um copo de água. Bené lavou o copo muito bem lavado como era seu costume e ofereceu a ela água da torneira. A turista, bem idosa, reclamou da água ter sido da torneira, principalmente porque Araxá estava tendo uma epidemia de tifo." Bastou isto para que ele retrucasse: "a senhora, nesta idade, já está vivendo de lucro e ainda se preocupa em pegar tifo?"

Do seu arquivo de “benezadas”, consta também que um parente baiano de Mário Márcio foi visitar o Bené’s Club. Depois de um bate-papo prolongado, o baiano pediu a famosa “lingüiça com farinha” tão bem preparada por Bené. Quando foi servido, o baiano para descontrair disse: “Pô, na minha terra, essa farinha é pra dar pra porco”. Bené, sentindo-se até mal de tanta raiva, como não levava mesmo desaforos para casa, descarregou uma das mais famosas benezadas: Pois é! Aqui também!

Bené era mesmo eclético, às vezes rude, impaciente, outras vezes sereno e feliz, permitindo, em seu bar, brincadeiras e críticas engraçadas e capciosas sobre alguém ou algum fato. Era um artista em potencial, possuía habilidades para teatro, gostava muito de filosofia e

eram colocados novos pensamentos e outros formulados por várias pessoas também. Como tudo tem um tempo de durar, as cartolinas envelheciram e a novidade deixou

de Castro, Carlos Humberto Maneira (Carzinho) e Bené decidiram que, para substituir os pensamentos, as caricaturas feitas por Tarcísio seriam uma ótima idéia.



Interior do bar (sentados da esquerda para a direita): Mundinho, Fernando, Lucas (Patos de Minas), Juninho Lemos, Lou, (não identificado), Túlio Rosa, Virmondinho. Em pé ao fundo: Fininho, Bené, Edgarzinho.



Campanha para arrecadação de fundos para o Natal de 1978 - Av. Senador Montandon em frente à casa do Sr. Djalma e D. Marta Natal.

Alguns identificados: Fernando Guimarães, Paulo Rogério (Parrudo), Paulinho, Luizinho, Zuerinha, Danilo, Paccheli, Bastião, Roberto Lemos, Eduardo de Ávila, Cássio, Daniel, Canarinho Marrom, Kinkão, Mica, Nadim, Juninho Lemos, Leandro, Virmondinho, Frederico, Tarley, Riquinho, Inacinho.

coleccionava pensamentos de todos os tipos.

Após uma reforma no bar, os amigos de Bené, com a sua permissão e participação, resolveram tornar públicos estes pensamentos. Começaram a escrevê-los em tiras de cartolinas e os pregavam no teto para melhor visão das pessoas que ali entrassem

de ser inovação. Mas quem tem alma de artista está sempre pronto para criar e logo arrumaram uma substituição para a galeria dos “pensamentos”.

A prefeitura havia mudado o calçamento da rua onde se localizava o bar e Bené motivado por esta transformação, renovou a pintura do seu estabelecimento

O Bené's Club apresentava como um lugar em que as pessoas usavam a imaginação para elaborar pequenos textos de conteúdo divertido ou mesmo sátiras e causos, sempre com a finalidade de entreter seus fregueses e de ser ali um local onde se sentissem à vontade e sem pressa de sair.

E assim foi criada a galeria de caricaturas homenageando os clientes do bar.



Da esquerda para a direita (agachados à frente): Terêncio, Joaquim (alfaiate), Bené. Da esquerda para a direita ao



Festa Junina da turma do Bené em Franca. Aproximadamente 1979. Da esquerda para a direita: Carlinho, Leandro, Nina (Franca), Virmondinho, Fininho, Juninho Lemos, Toninho Camarão, Terêncio, Nádia e Ayres.



Time do Bene's Club na década de 80 - Em pé da esquerda para a direita: Virmondinho, Brigula, Maurício, Vitinho, Paulo Maneira, Bené. Agachados na mesma direção: Olavo Bulau, Carlão, Lou, Bastião, Mozart Filho.



Camaval de 1982 no Grande Hotel do Barreiro. Em pé ( da esquerda para a direita): Terezinha, Simone, Ivana, Déborah (BH), Lizete, Ana, D'Lourdes, Paula. Agachados: Paulo Terêncio e Tarley. Sentados na mesma direção: Riquinho, Zê Antônio, Frederico, Milin, Marquinho, Juninho Lemos, Roberto Lemos.

Vaquejada em 1981.  
Da esquerda para a  
direita: Hugo, Olavo  
Bulau, José Maurício,  
Fabiano.



Festa da turma do Bené em Brasília  
1980. Em pé (da esquerda para a  
direita): Bené, Simone, Juninho  
Lemos, Fininho, Marquinho.  
Sentado de costas: Zé Tomé.



Festa do Cowboy com o Grupo "Dólar Company" em 20/04/1981. Da esquerda para a direita: Harry, Cristian, Alexandre, Fininho, e David McClean.

Em 1984, o Bené's Club completou 25 anos. Durante o baile de comemoração, no Grande Hotel de Araxá, com muita emoção, Bené discursou: "Em 1959, idealizei a montagem do Bené's Club com o objetivo de dar à cidade um local diferenciado e diferenciador, onde a elite da sociedade encontrasse um recanto privado para seus instantes de lazer, um local de encontro privé..."



Entrada do Carnaval no Grande Hotel do Barreiro em 1985. Da esquerda para a direita (frente): Marco Túlio, Juninho, Caio. Da esquerda para a direita (atrás): Roberto, Tulinho, Leandro, Wilson, Tarley.



Carnaval no Grande Hotel do Barreiro em 1985. Da esquerda para a direita (em pé): Maria Marta, Gé, Renê, Carlão, Lizyane, Bené, Mariângela, Wilson, Alonso. Da esquerda para a direita (agachados): Chico, Dolores, Mozart.



Carnaval no Grande Hotel do Barreiro em 1985. Da esquerda para a direita: Simone, José Honorato, Carmem, Bené, José Antônio, Wilson, Mariângela, Mozart Filho, Dolores.

Aproveitando o Jubileu de Prata, os integrantes do Clube assumiram a realização dos eventos sociais e filantrópicos. Foram vários eventos em 1984. Iniciaram em fevereiro com três dias de festas.

Organizaram também vários "Pré Réveillons" e participavam dos "Réveillons" e carnavais da cidade ou do Grande Hotel, sempre juntos, formando animados blocos, vestindo a camisa do Bené's Club, literalmente falando.

Para impor mais sofisticação ao bar, Bené deixou-o aberto apenas para os amigos e já não vendia cachaça, tentando selecionar mais sua freguesia, abrindo um precedente apenas para ele próprio.

Foi assim que nasceu a idéia de Clube Privé. O bar passou a ser um reduto destes amigos. Ali trocavam idéias para incrementar as noites araxaenses e para levar o nome do Bené's Club a todos os eventos, sociais e filantrópicos, programados por eles.

Era visitado por pessoas famosas e de reconhecimento nacional como Juscelino Kubitschek, Milionário e José Rico, Mário Juruna,



Comemoração 25 anos de Bene's Club Privé em 1985. Em pé: Juninho, D' Lourdes, Ivana, Paulo Terêncio, Simone, José Antônio, Agachados: Tacina, Adriano, Tarley, Bibi.

Eduardo Araújo e Silvinha, Toquinho e Maria Creusa, Magalhães Pinto e outras personalidades mais. Eram trazidas por sócios não menos conhecidos e importantes como Olavo Drummond.

Lançaram também um boletim informativo denominado Bene's News onde noticiavam as programações sociais, participa-

Apesar de ser "privé" e freqüentado apenas por uma camada social, ele permaneceu décadas por ter algo mais a oferecer aos seus associados. Além do bom papo, dos momentos de violão e canções, das trocas de experiências entre os "mais jovens e menos jovens", da cerveja bem gelada e dos gostosos aperitivos, havia um vínculo forte entre eles, uma amizade que solidificou. Um dos primeiros a levar violão e reunir a turma para cantar foi o Cizinho (Francisco de Assis Uchôa).

ções da turma em Araxá e fora daqui e homenagens a ilustres araxaenses, ausentes ou não.

Olavinho Drummond e Juninho Lemos foram grandes incentivadores dessa nova fase. Tudo muito organizado, inclusive com carteirinha de sócio.

Na segunda fase do boteco, as mulheres passam a freqüentá-lo juntamente com seus namorados, maridos, amigos ou parentes que já eram freqüentadores. E assim começam novos tempos neste bar curioso e singular.

Dali saíram inspirações para a composição de músicas, para

**BENE'S PRIVÉ CLUB**

Nome: \_\_\_\_\_

Nº \_\_\_\_\_

Carteirinha de sócio do Bene's Club Privé

ASSINATURA \_\_\_\_\_

ADMISSÃO \_\_\_\_\_

BENE'S CLUB

Onde o velho conta a vida  
Onde o moço canta a vida  
É onde o dono ganha a dita

**BENE'S PRIVÉ CLUB**

ARAXÁ - MINAS - BRASIL

**INTANSFERIVEL**

escrever livros e textos de jornais. Uma música se tornou um hino e é tocada até nos nossos dias: "Melhor lugar pra se viver", composição de Juninho e Roberto VI, Zé Antônio, Paulinho Ta e Gos Canto do Galo, Carlão e Marrom.

Havia também uma coleção de cédulas de dinheiro, diferentes e raras, muito apreciada por todos que visitavam o bar.

O nome do Bené's Club ultrapassou fronteiras. Foi divulgado em cidades como Uberaba, Franca, Belo Horizonte, Brasília e até

atravessando mares no transatlântico de luxo "Enrico C". Sempre que esse grupo viajava, um objeto não podia faltar na bagagem: a camiseta do Bené's Club. Procuravam ir sempre aos mesmos lugares e fazer programas de viagem juntos. Eram muito unidos e amavam muito o clube. Festa sem a turma do Bené não tinha charme.

Pessoas que vinham a Araxá tinham a curiosidade de conhecer o bar e a turma jovem, que morava fora, trazia seus amigos para visitar o famoso e carismático Bené's Club.

O sucesso desta turma era devido a uma amizade e afinidade entre seus componentes que culminava em fidelidade e união incomensuráveis.

O Bené's Club foi fadado ao sucesso! Mas no final da década de 80, Bené, já cansado e com outras atividades, resolveu fechar o notável bar que marcou época e entrou para a história de Araxá.

Pesquisa e texto: Cecília A. Machado de Paiva



Carnaval no Grande Hotel do Barreiro em 1986 da Turma do Bené. Em pé (da esquerda para a direita): Lizete, Solange, Simone, Daniela, D' Lourdes, Mariângela, Fabiana (Bibi), Raquel, Paula, *Mirinha*, *Terezinha*, *Branco*, *Livinha*. Agachados (da esquerda para a direita): Tadeu, *Mundinho*, José Antônio, Cid, Juninho Lemos, Wilson, Tarley, Paulo Zuêra, Roberto Lemos, *Riquinho*, Paulinho (Brasília), *Inacinho*.

# BENÉ'S CLUB

PRIVÉ

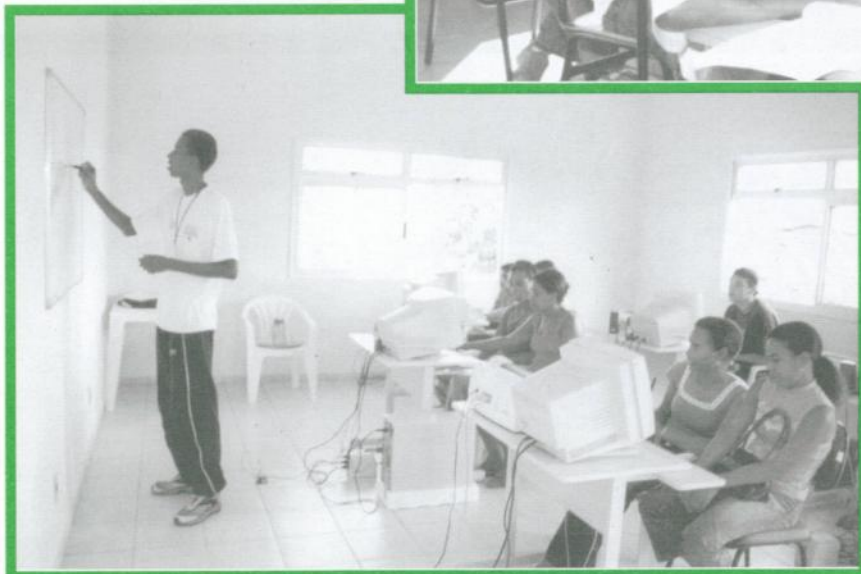
# Centro de Referência da Cultura Negra

O Centro de Referência da Cultura Negra foi inaugurado em maio de 2004. Tem como finalidade atender a raça negra, objetivando a criação de cursos de computação, inglês e outras atividades. Mais uma prioridade do governo atual que se concretiza a cada dia.



Professora do curso de inglês Cecília Paiva e alunos.

Vê-se ao fundo: professora do curso de inglês Cecília Paiva, o vice-prefeito Miguel Jr., e o prefeito municipal Antônio Leonardo Lemos Oliveira.



Professor do curso de informática Marcos e alunos.



# Informativo

Como acontece todos os anos no mês de abril, enviamos ao IEPHA- Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, os dossiês do CODEMPAC.

O CODEMPAC - Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Artístico e Cultural, tem por objetivo zelar pela preservação do patrimônio artístico e cultural do município.

Ficam sob a proteção especial do Poder Público Municipal, os bens culturais de propriedade pública ou particular que dotados de valor estético, filosófico, científico e ético, justifiquem o interesse público na preservação atendendo ao dispositivo no artigo 216 da Constituição Federal.

No artigo 1º, constituem o patrimônio cultural do município as manifestações de caráter artístico ou intelectual e os bens de natureza a identidade, a ação e a memória do povo araxaense.

No artigo 2º, são bens materiais constituintes do patrimônio cultural do município, bens móveis, públicos ou privados tombados individualmente ou em conjunto. E são considerados bens materiais: obras, objetos, documentos, edificações, os conjuntos urbanos e quaisquer outros bens que tenham valor histórico, artístico, arquitetônico, etnográfico, arqueo-

lógico, ecológico, paleontológico, científico, bibliográfico e documental.

No artigo 3º, a proteção dos bens materiais que compõem o patrimônio cultural do município se dará por todas as formas e acautelamento, preservação e incentivo permitido em lei, particularmente por meio de inventário, arquivo e tombamento.

Em Araxá, temos 84 prédios apontados como de grande valor histórico. Destes, 37 já foram inventariados e 36 são bens a inventariar.

A antiga Estação Ferroviária de Itaipu, recentemente restaurada, mostra com clareza o objetivo central do CODEMPAC, aliado à manifestação da Prefeitura Municipal em atender os requisitos pré-estabelecidos em Lei.

Outros bens materiais estão em andamento para preservação. Através de projetos a serem implementados de recuperação e

restauração, todo o processo vem passando pelos trâmites legais de aprovação, para que seja iniciada as obras.

Dentre elas estão previstas a restauração da Praça Governador Valadares, incluindo o projeto paisagístico e o prédio da Fundação Cultural Calmon Barreto, que foi inaugurado em 1926.

Se conseguirmos manter nossos olhos voltados à preservação do nosso patrimônio, com certeza, teremos uma cidade com memória.

Uma história embasada em fatos para contar, em objetos para ver e em monumentos preservados para mostrar. Esse é o retrato de um povo consciente e de uma cultura exemplar.

Pesquisa e texto: Silvana Ap. Alves Borges Batista



Da esquerda para a direita: Virgínia, Cecília, Trindade, Augusto César, Sávio, Gabriel, Silvana e Keyla.

**A informação é cultura e a preservação faz parte da história.**

## Fonte Matéria Moda

- VIDAL, Valmiro Rodrigues. **Curiosidades, como se aprende, distraindo-se**. Rio de Janeiro: Curiosidades, 4ª ed. , 1961.

## Fonte Matéria Costureiras e Alfaiates

- CARVALHO, Horácio (Org.). **Álbum do Araxá**. São Paulo, Gutemberg, 1928.
- FUNDAÇÃO Cultural Calmon Barreto. **Lugar de Memória**. Araxá, 2001.
- FUNDAÇÃO Cultural Calmon Barreto. **Lugar de Memória**, vol. II. Araxá, 2002.
- QUEM FOI QUEM. **O Trem da História**. Araxá, n. 19, p.3, jan./mar.1996.
- Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto.
- Depoimentos: Adélia Jorge Tapxure, Aloísio Guimarães, Altina Moura Barreto, Dalva Suzana Marques Teixeira, Dêmea Baptista Baldisseri, Diva Baptista Tocafundo, Diva Helena Moura, Emília Siqueira, Domingos Santos, Francisco Theóphilo dos Santos, Guaracy Teixeira, Jacinta Teixeira Afonso, Joaquim de Castro Ramos, José Dagualberto Borges, Maria Auxiliadora Moura, Maria Auxiliadora Silva, Maria da Glória de Azevedo Penna, Maria Dora Drummond de Paula Lemos, Maria José de Castro, Maria Tereza de Castro, Marieta Coelho Luz, Míriam Élide Camarota Afonso, Myrthes Santos Maneira, Olyntha de Castro Barreto, Salviana Carneiro Galdino, Sílvio Lúcio Camarota, Suzete Marques Borges, Terezinha Roquete, Wilson Pinheiro dos Santos, Yolanda Afonso de Ávila, Zilda Marta Ferreira de Azevedo.

## Fonte Matéria A História de um Boteco - Bene's Club

- ALBUQUERQUE, M. M. DE. **Pequena história da formação social brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/ Edusp, 1994.
- BRANDÃO, Antônio Carlos & Fernandes, Milton Duarte. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 1995.
- Depoimentos: Agenor Lemos Junior, Bruna Pontes Cardoso, Magali Cardoso de Paula, Tarcísio Cardoso.



# Escola Municipal de Música

## Maestro Elias Porfírio de Azevedo.

A Escola de Música maestro "Elias Porfírio de Azevedo" com 13 anos de existência acolhe cerca de 800 alunos distribuídos em 4 áreas de atuação:



Área de teclas (piano e teclado).



Área de cordas (violão, guitarra, violino e baixo).



Área de sopro e percussão (sax, trompete, flauta doce, flauta transversal, banda musical e bateria).



Área de vozes (canto lírico e popular).



A Escola de Música mantém ainda um conjunto formado pelos seus professores: CONCERTHUS, que desenvolve arranjos dentro das habilidades pessoais (vocais e instrumentais) de seus integrantes.

### A equipe é formada:

Diretora: Maria Leonor Teixeira Lemos

Secretárias: Rosemary de Faria, Maria Regina de Oliveira, Eliana da Silva Ribeiro

Serviços Gerais: Regina Célia da Silveira

Professores: Adriano Alexandre Rivas Orellana, Angélica R. M. Maximiano, Antônio Carlos Parreira, Belchior Celestino Pereira, Cláudia Pereira Valle França, Conceição Rosa de Mesquita, Cornélia Teixeira Santos, Débora Arantes Afonso Francisco, Deoclécio de Oliveira, Eloísa Passos de Abreu Silva, Henrique Natal Vieira, Jaime Gonçalves do Nascimento, Jorge Clapp Neto, Magali Cardoso de Paula, Marcos Fuzaro, Maria Aparecida de Rezende, Maria Teresa Romagnolli Rios, Meire Lúcia borges da Silva, Osvaldo Afonso Rezende, Paulo Eugênio da Silva, Paulo Fernando Torres Pereira Diniz, Sabrina Portela Drummond Borges, William Cristiano Bruno.

# ENCIL

ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES LTDA

**ENCIL Engenharia  
Conservando a História de Araxá**



**Rua Alexandre Dumont 497 Araxá / MG  
Telefax (34) 3661-1550**